

A INVESTIGAÇÃO DE SINAIS PRECOSES DE RISCO DE AUTISMO EM BEBÊS COM IRMÃOS AUTISTAS

Aluno: Ana Luísa Barbosa Torreão Dáu¹
Orientadora: Carolina Lampreia

Introdução

Nos últimos anos, vem sendo enfatizada a necessidade de uma identificação precoce de bebês com risco de desenvolver um quadro autístico visando uma intervenção também precoce que procure recuperar, ou minimizar, os efeitos do transtorno autístico. Por esta razão, na última década, tem sido enfatizada de forma crescente a importância da diminuição da idade de diagnóstico do autismo de 36 para os 18 meses de idade, havendo até pesquisas que indicam que ele poderia ser feito antes, entre os 8 e 12 meses.

Desde 2005, pesquisas longitudinais prospectivas têm procurado indícios de risco de autismo a partir dos 6 meses de idade. Para este fim, têm sido observados bebês com irmãos mais velhos com diagnóstico de autismo, tendo em vista uma recorrência significativamente maior de autismo nesta amostra do que na população em geral (Sumi, Taniai, Miyachi & Tanemura, 2006 citado por Merin, Young, Ozonoff, Rogers, 2007). Estes estudos têm utilizado, principalmente, categorias quantitativas discretas de atenção compartilhada, que envolvem interações triádicas mãe-bebê-objeto e se desenvolvem entre os nove e quinze meses de idade. Elas são consideradas precursoras da linguagem e marcadores do autismo. Contudo, é importante observar, do ponto de vista do desenvolvimento, que estas categorias também têm seus precursores que devem ser encontrados nas interações diádicas mãe-bebê, entre o nascimento e os nove meses de idade. Mas para que isto ocorra é preciso que o bebê seja capaz de engajamento afetivo. É preciso que ele seja sensível e responsivo às expressões emocionais dos outros, o que parece não ocorrer com bebês com risco de autismo (Hobson, 2002). O aspecto afetivo, qualitativo, do desenvolvimento tem sido bastante investigado em pesquisas de psicologia do desenvolvimento que, na década de 1970, desenvolveu uma metodologia específica de microanálise de vídeos de interação mãe-bebê. Mas ele tem sido praticamente desconsiderado em estudos sobre autismo.

Objetivo

Tendo como meta encontrar subsídios para uma intervenção mais precoce no autismo, isto é, entre os 12 e 24 meses de idade, a presente pesquisa tem como **objetivo** investigar longitudinalmente o desenvolvimento das interações mãe-bebê, diádicas e triádicas, em bebês com maior risco de desenvolver características autísticas – bebês com irmão com diagnóstico de autismo (TEA) – e compará-las com as interações de bebês sem risco de autismo. O **objetivo específico** é identificar diferenças nas interações dos dois grupos de bebês, isto é sinais que possam indicar risco de autismo já no primeiro ano de vida. Isto será feito a partir da microanálise de vídeos através de categorias discretas e afetivas.

Metodologia

Foram recrutados até o momento cinco participantes, três do sexo feminino e dois do sexo masculino, sendo três de alto-risco (com irmão com diagnóstico de autismo) e dois de

¹ Colaborou com em todas as fases da pesquisa a aluna de Iniciação Científica Karin Yasmin Veloso Müller.

baixo-risco de TEA (Transtorno do Espectro Autista). Os participantes foram filmados quinzenalmente, por um membro da equipe de pesquisa, em casa, a partir dos 3 meses de idade, em interação com a mãe/cuidador ou um membro da equipe de pesquisa, em situações livres.

Os dados foram analisados em termos de categorias objetivas de observação. Os episódios de interação foram discriminados segundo os seguintes critérios: bebê (ou mãe/adulto) apresenta expressão afetiva (sorri, vocaliza, chora); mãe/adulto (ou bebê) responde; bebê (ou mãe/adulto) vê, ouve resposta da mãe/adulto (ou bebê). Para cada solicitação, são registradas as categorias discretas do solicitante (sorriso, contato ocular, vocalização e toque) e para cada episódio de interação são registradas as categorias afetivas (conexão emocional e fluxo de interação).

Além disso, para se testar esperadas diferenças quanto a respostas sensoriais em ambos os grupos, está sendo utilizado o Test of Sensory Functions in Infants (TSFI, DeGangi & Greenspan, 1989), teste este que mede déficits de processamento sensorial em bebês entre 4 e 18 meses. O uso deste teste deve-se ao fato de que é esperado que os bebês que, com 24 meses recebem o diagnóstico de autismo, apresentem respostas sensoriais atípicas de acordo com tal avaliação.

Outros procedimentos utilizados para identificar possíveis questões ligadas ao desenvolvimento desses bebês são: o *Autism Observation Scale for Infants* (AOSI), desenvolvido com o fim de detectar e monitorar sinais precoces de autismo em bebês de alto-risco, com avaliações realizadas aos 6, 12 e 18 meses de idade; CARS e DSM-IV-TR, avaliações diagnósticas realizadas por um neuropediatra, aos 12 e 24 meses; Bayley, que visa avaliar o nível de desenvolvimento dos bebês, aos 12 e 24 meses.

Resultados

Serão apresentados dados parciais dos cinco participantes. Até o presente momento os dados de P1 (com alto risco de TEA) e os de P3 (com baixo risco de TEA) foram analisados dos 3 aos 12 meses, os de P2 (com baixo risco de TEA) dos 6 aos 12 meses, os de P4 (com alto risco de TEA) dos 5 aos 10 meses e de P5 (com alto risco de TEA) dos 5 aos 7 meses.

Os participantes 1, 2 e 3 que foram submetidos ao AOSI aos 6 e 12 meses e ao CARS, DSM-IV-TR e Bayley aos 12 meses não apresentaram nenhuma alteração significativa em seu desenvolvimento. Até o momento, também, nenhum dos bebês submetidos ao TSFI apresentou respostas sensoriais atípicas.

Conclusões

Os dados obtidos até o presente momento já permitem fazer nenhuma diferenciação entre os participantes de alto-risco e os sem risco no que diz respeito às categorias afetivas. Em relação às categorias discretas ainda não é possível fazer nenhuma afirmação sem que seja realizada uma análise qualitativa das interações.

Referências

Hobson, P. (2002) *The cradle of thought*. London: Macmillan.